

## Casa do Índio mostra abandono das tribos

*Cristina Iori*

SÃO PAULO — Na mal conservada Casa do Índio, no bairro do Paraíso, na Zona Sul, pouca gente se lembraria de que ontem se comemorava o Dia do Índio. Como faz todo dia, Vanusa Pará, uma guarani de 11 anos, pintava as maçãs do rosto (como seus antepassados) com decalques das embalagens de chiclete Ping Pong. Outro guarani, Simplicio da Silva, nascido há 79 anos no Mato Grosso, procurava forças para exibir a papelada que lhe dá o direito a ocupar uma cama ao relento, no pátio externo da casa, também conhecida como Centro Especial de Serviço de Assistência ao Índio, local que recebe indígenas necessitados de tratamento médico especial: dois andares de alojamentos para 30 pessoas, onde 70 índios se acomodam como podem.

Eles vêm de todo o Brasil. Falam línguas diversas e se comportam de maneiras diferentes. Brigam, riem ou se escondem pelos quartos. Vanusa, a menina do chiclete, por exemplo, sente-se em casa, embora seus familiares estejam acomodados em colchonetes, no chão sob a escada. Ela vem do litoral paulista e já está acostumada com a cidade. "Mas eu gosto de ser índia e quero morrer na aldeia", diz. Sonho difícil. Sua aldeia — com apenas 30 casais e 20 crianças, várias delas em São Paulo tratando de anemia, problemas cardíacos e ortopédicos — tende a desaparecer.

**Caciques no chão** — Nas tribos, caciques têm casas só para si. Na Casa do Índio, são tratados como qualquer outro índio. No entanto, era fácil perceber que os três homens sentados em camas sujas e úmidas, também ao relento do pátio externo, faziam uma reunião de líderes. Eram dois caciques xavantes e um trumai, todos do Mato Grosso do Sul. São, sem dúvida, os mais fortes, calmos e bem vestidos de todos. Ao contrário dos outros, não tiraram seus brincos de bambu para a viagem a São Paulo. E são os mais brincalhões. Fingiram estar doentes e não falar português, e depois de algum tempo desafiaram a reclamar, em bom português, da comida e das péssimas condições do lugar. Só estão em São Paulo para recolher doações, sacos enormes de roupas e centenas de sapatos. "Precisamos deles para andar no mato", dizia Joaquim Xavante, cacique de 460 índios. "O mato é cheio de espinhos."

O mais assustado e cabisbaixo é o índio Xokrân, um metuktire do baixo Xingu, em São Paulo acompanhando a filha Kokokatco, de um ano, que será operada do coração. Ele já teve outros dois filhos, mas ambos morreram: "Eu era casado com uma mulher de outra tribo e isso não era bom", explica. Ele passa quase todo o dia dentro de seu quarto, com a mulher e a criança esperando a hora da operação. E não tem medo de que a filha morra. "Porque eu teria medo? Não entendo", diz.